

Era uma vez um blog (ep. 11; 2ª Temporada): confissões virtuais em *Awkward*¹

Francisco Jonas de Freitas Cordeiro²

João Victor de Sousa Cavalcante³

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

RESUMO

Este artigo foi escrito a partir das reflexões realizadas diante da análise da série norte-americana “Awkward”. Todos os argumentos foram criados sob análise de somente um episódio da série como objeto de estudo. Também buscou-se analisar detalhadamente o comportamento da protagonista da série (Jenna Hamilton) aliando as principais ideias sobre a cibercultura, comparando-a também com o contexto que estamos inseridos. Tentou-se trazer os conceitos de público e privado diante do comportamento da geração digital. A todo o instante procurou-se apreender o enredo do episódio estudado para se poder conhecer melhor a interfaces da revolução digital dos últimos anos.

PALAVRAS-CHAVE: Awkward; episódio; digital; cibercultura; comportamento.

Introdução

Parece que somos facilmente seduzidos pelo advento das novas tecnologias. A globalização não só diminuiu distâncias, mas trouxe notáveis transformações para o corpo social. Com base no enredo construído na série norte-americana “Awkward” (2011), em cinco temporadas, descobrimos Jenna Hamilton interpretada por Ashley Rickards. A jovem é representada como recém chegada ao ensino médio e, diante do novo campo social, ela parece estar perdida. Porém, repleta de expectativas diante das novas experiências, companhias e descobertas. Logo nos primeiros episódios, após sofrer um acidente um tanto estranho, todos começam pensar que a jovem é uma garota suicida, ganhando certa popularidade ao qual não imaginava. Para piorar Jenna se apaixona por Matty McKibben (Beau Mirchoff), o garoto mais popular da escola.

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: fjonas083@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Cariri (UFCA), email: joaos88@gmail.com

Dirigindo-se para o décimo primeiro episódio da segunda temporada, encontramos nosso objeto de estudo, intitulado como “Era uma vez um blog” (2012 EUA/2013 Brasil, ep. 11). O episódio trás um contexto muito pertinente sobre a relação dos meios digitais com nossas vidas. Neste artigo, o intuito é analisar e perceber a relação de uma jovem adolescente com uma rede de relacionamento. Compreender como se dá esta aproximação e observar como ela se sente quando está em conexão, num grau de interatividade com outras pessoas. As ideias aqui construídas buscam entender a personalidade exercida por Jenna aliando algumas ideias da cibercultura. Todos os argumentos foram construídos unicamente pela observação do referido episódio, trazendo conceitos e acepções de pensadores da comunicação, autores que estudam cibercultura e ideias contemporâneas do pós-moderno, como as do sociólogo polonês Zygmunt Bauman.

Se antes a protagonista se via perdida, agora se encontrava mais confusa ainda. E, diante dos seus problemas e crises de adolescente ela podia contar, em todas as noites, com o seu conhecido blog - *I Am Jenna* . Talvez seria uma espécie de diário, mas um diário digital ao qual tornara sua vida antes privada e, agora, pública.

A jovem não escondia nada, cada dia era como se fosse uma página diferente da sua vida. Uma nova publicação, uma nova história, um novo fato. Um novo conceito em ser Jenna que todos passariam a conhecer.

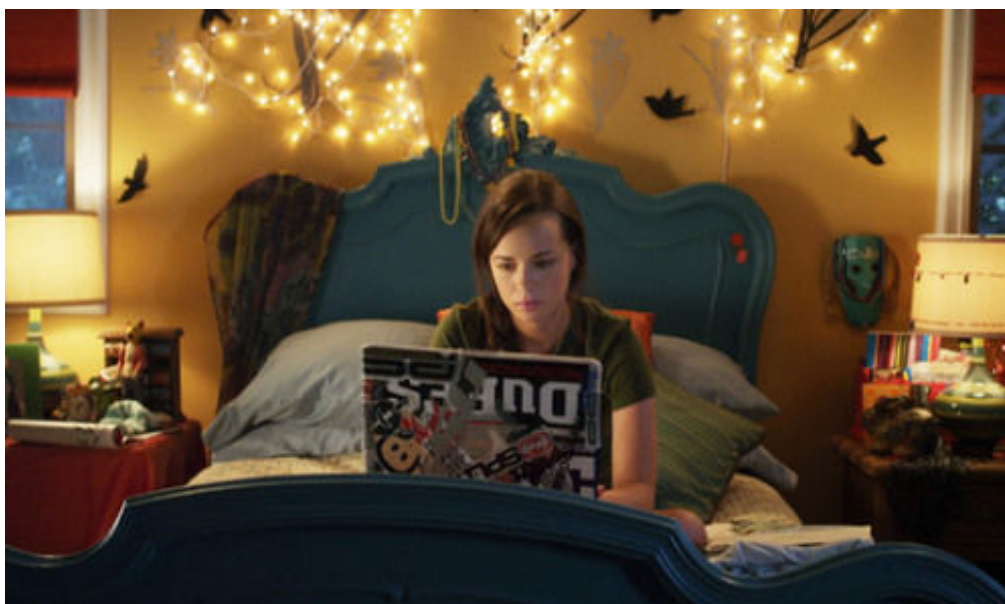
A estudiosa norte-americana Danah Boyd acredita que os adolescentes procuram mostrar o seu “eu” através do mundo online, como cita a professora Lucia Amante (2014). É incontestável que a adolescência é a fase em que estamos propensos a várias experiências e auto-afirmações. São estes jovens que ficam mais seduzidos pelo advento da tecnologia e, segundo Lucia, acabam levando os efeitos das personalidades adquiridas no mundo “*online*” para o “*offline*”. De acordo com Lucia, justamente nesse momento surge a necessidade de se descobrir a si próprio (crise de identidade) e as redes de relacionamento na internet exercem um peso muito forte em suas decisões e interferem nos laços familiares, ligação com grupo de amigos e construção de um processo emocional psicossocial. Constata-se que tudo o que se propaga pelo *online* seria uma continuação do que se tem ou deseja no *offline* – um jogo de emoções, sentimentos, gostos e tudo o que possa enaltecer sua posição pela web.

Num instante estava ela entre sua cama e seu notebook, digitando mais um tema para seus leitores, algo que ela considerava como plausível para ser publicado. Ou

talvez seria um conforto que Jenna sentia em todas as noites publicar algo novo, diferente. Ou quem sabe seria um “desabafo” necessário de todos os dias. Ela mesma não sabia bem o motivo, mas apenas sentia um pouco mais aliviada em publicar e, conseqüentemente, escrever novas histórias. Não importando o que fosse. Ela queria saber a reação dos seus leitores diante do novo fato, e se realmente sua vida estava sendo acompanhada pela *web*.

Segundo Amante e colaboradores “a utilização da internet nas relações interpessoais permite selecionar as características pessoais mais atrativas e esconder as que podem ter uma conotação negativa” (AMANTE, MARQUES, CRISTOVÃO, OLIVEIRA, MENDES, 2014, p. 28). Jenna não sentia vergonha em publicar suas emoções, sentimentos e desejos. Ela apenas se sentia bem. E no episódio em questão, dessa vez era o fato dela estar frustrada por considerar que ama duas pessoas ao mesmo tempo. Se via perdida, más, totalmente inspirada para poder escrever novamente. Escrever como se sentia, escrever como era a sensação de amar duas pessoas, escrever como iria proceder diante das circunstâncias, e claro, podendo contar com múltiplas opiniões dos seus leitores.

A imagem abaixo ilustra bem como eram as noites da internauta, junta novamente com seu notebook trançando um novo rumo de histórias e ideias para seu blog. Depois de um dia cheio de experiências ela podia contar com várias inspirações para novos argumentos. Ela sabia que seus leitores estavam lá aguardando um novo desfecho.



Jenna Hamilton com seu notebook. Foto/Reprodução Mtv

Chegada do novo século (XXI)

O filósofo francês Pierre Lévy (1999) considera que com a chegada do século XXI as maiores transformações não será na paisagem urbana ou tão somente nas descobertas científicas. Mas, constatamos a emergência do que se conhece por desenvolvimento humano e internet – presenciamos o nascimento da *cibercultura*. Segundo Lévy, nunca se imaginou uma transformação tão radical nas culturas humanas que nenhum estudo jamais pode prever. Penso que tudo ficou mais instantâneo, mais rápido, mais compacto. Tudo isto contribui numa verdadeira revolução na comunicação que altera o modo como consumimos e apreendemos informação.

O também sociólogo afirma que um dos princípios da cibercultura é o desenvolvimento das “comunidades virtuais”. Pessoas inseridas nestes grupos com afinidades de interesses, elencando processos de cooperação, reciprocidade ou de trocas e assimilação de projetos mútuos. Fazendo um comparativo, é possível assemelhar estas comunidades com as redes sociais atuais. Assim como o blog da Jenna. Usuários das comunidades (ou redes sociais) dispostos a troca de conhecimentos, projetos, afinidades e com interesses em específicos. Cada ação gira em torno de uma recompensa (simbólica), da reputação construída entre os membros do grupo.

“A imagem do indivíduo isolado em frente à sua tela é muito mais próxima do fantasma do que da pesquisa sociológica” (LEVY, 1999, p.129), este argumento de Levy nos trás a realidade de jovens dispersos em suas redes de relacionamento na web.

Talvez o objeto de Jenna não era se tornar famosa pelo seu blog. Mas, independente das consequências, ela aparentava gostar de expor todas as suas vivências, expectativas e aventuras de adolescente. No episódio, Jenna refaz os passos que fez com que ela gostasse das duas pessoas mais populares da sua escola, Matty McKibben (Beau Mirchoff) e Jake Rosati (Brett Davern). Por conseguinte, ela começa a digitar e imaginar como seria seu romance, se ela assumisse uma personalidade diferente. Segundo Jenna, “quando tinha que fazer escolhas difíceis decidia restaurar seu método de solução – blogar”. E através dele as pessoas podiam conhecer quem era essa estudante. Conheciam suas aventuras, programas, amigos, emoções.

Tudo o que se referia ao ‘mundo-Jenna’ as pessoas podiam saber por meio do seu blog; Desde quando perdeu sua virgindade até mesmo quando rompeu com seu relacionamento mais duradouro. A tecnologia seria sua confidente fiel, um ombro

amigo com quem podia depositar tudo o que sentia. Ela selecionava cuidadosamente o que iria ser publicado, porém, não se preocupava com o teor do assunto que se tornaria público.

Segundo o sociólogo espanhol Manuel Castells (2003) uma das ideias mais importantes no contexto da internet é o princípio da *liberdade*, liberdade de poder propagar sentimentos, ideologias, convicções pela web. É interessante pensar que ela também é um mecanismo catalisador que externaliza ânimos e desejos. De fato, ela se torna o encontro de fluxos e diretrizes culturais, comunidades e agrupamentos, gostos e pluralidades imersas em blogs como o de Jenna Hammlton, ou qualquer outro meio semelhante, assim como *facebook*.

De acordo com Castells, a cultura da internet caracteriza-se por um construto dividido em quatro camadas: cultura tecnomeritocrática, cultura hacker, cultura comunitária virtual e cultura empresarial. Juntas e hierarquizadas elas contribuem para uma cultura intrínseca ao mundo dos computadores e que se conecta diretamente ao nosso. Com o passar dos anos comunidades virtuais foram sendo formadas, pessoas se juntaram com interesses em específicos, com mesmos propósitos, afinidades e objetivos que se comunicam. Grupos que se comunicam entre si para aquisição de projetos em específicos e acabam por mudar o meio em que vivem, “essas comunidades foram fontes de valores que moldaram comportamento e organização social” (Castells, 2003, p.46).

As primeiras comunidades virtuais criadas nos remete as redes sociais atuais, sobretudo, o comportamento de Jenna ao se comunicar com pessoas daquele meio, que produzem e propagam informações que serão aceitas por membros que compartilham emoções, interesses, planos, valores que se comunicam entre si.

Cibercultura e dias atuais

A trama *Awkward* me faz pensar nos dias atuais e como estamos cada vez mais ligados a novas tecnologias do novo século. Jenna se parece com jovens imersos na cibercultura, conectados as ferramentas da internet. Não somente blogs, mas tantas outras redes e comunidades virtuais. Penso que virou uma constante poder mostrar e publicar qualquer gesto.

As práticas culturais estão estritamente ligadas aos processos implícitos e explícitos de autorepresentação, tudo aquilo que está ligado ao seu comportamento.

Parte das pessoas se inserem nessas redes de interação para que outras do mesmo grupo possam reconhecê-la, legitimando-a naquela comunidade em específico. Também atribuindo a ela determinado tipo de *status* e, conseqüentemente, um troféu simbólico.

Percebe-se que a utilização das redes sociais, por seus usuários, trás uma continuidade (prolongamento) da vida *offline*. Tudo o que diz respeito ao comportamento dos internautas no mundo “fora da rede” é retratado mais invasivamente nas redes sociais, sobretudo, no que se refere a autoapresentação cultural. Lucia Amante e colaboradores (2014) revelam que justamente no período da adolescência a construção de uma identidade adquire maior relevo, em que o jovem deve compreender quem é, a sua singularidade e o seu papel da sociedade. “A perspectiva do constructo da identidade floresce com os media, em especial com as redes sociais” (AMANTE et al, 2014, p.28).

Na sequência das cenas ela estava lá, pensado na representatividade que os dois rapazes haviam causado, elencando cada pensamento e instantaneamente publicando no blog. Percebe-se também uma interação muito forte entre Jenna e seus leitores. A cada frase, a cada linha de raciocínio publicado percebe-se rapidamente a ação de quem frequenta e acompanha aquele meio.

Diante dos argumentos da estudante começava-se ligeiramente como se fosse uma espécie de enquete, cada leitor dava sua opinião de quem Jenna deveria permanecer com o relacionamento afetivo. Matty McKibben ou Jake Rosati? No enredo do capítulo estudando também é perceptível que aqueles que se manifestam como leitores da rede social provavelmente em maioria são alunos da mesma escola que a secundarista. Colegas de turma que também conhecem os rapazes.

Em decorrência dos fatos podemos ver que todo esse processo de interação entre blogueiro e seus leitores gera uma instantaneidade sem precedentes, que revelam efeitos imediatos. Temos como exemplo que Jenna ainda tentou reinventar, criar uma nova versão do seu triângulo amoroso, atribuindo novos papéis e personalidade para Matty e Jake. Como se houvesse acontecido tudo diferente, com fatos inéditos e versões inventadas pela protagonista, ressignificando a história já conhecida. As pessoas que a acompanhavam também podiam conhecer amigos e aqueles mais próximos da estudante, pois ela acabava sempre os mencionando. Porém, Jenna foi surpreendida com a reação dos seus leitores, que não ficaram satisfeitos com a criação da história. No instante em que ela publicava, logo via-se a reação de indiferença para a ficção criada.

Logo ela parou e voltou a pensar novas ideias compartilhadas com os leitores. Jenna não se intimidava, a cada término do seu argumentos começava-se ligeiramente outros. Uma sequência de capítulos sobre sua vida, verdadeiramente um diário virtual.

A psicóloga e jornalista Silvia Graubart afirma que ante as rápidas transformações tecnológicas do mundo globalizado surgem as chamadas relações abreviadas, marcadas por aproximações momentâneas com duração da afluência de demandas efêmeras. Ainda segunda ela “sob o impacto da internet e da comunicação de massa, a ligação entre os pares torna-se tão intercambiável quanto a liquidez das ações negociadas nas bolsas de valores”. A terapeuta contemporânea ressalta que “os jovens tornam-se simples colecionadores de sensações”.

Seguindo um raciocínio parecido seguimos os argumentos do polêmico pensador Guy Debord (1967) construídos sob o cenário da vida cotidiana francesa dos anos 60. Ele critica mordazmente a forma como estamos no mundo, inseridos ao corpo social. Segundo ele as pessoas assumiram um papel consideravelmente passivo, pois tudo virou espetáculo, transformamo-nos em representações e nossas relações são mediadas por imagens. Agora o espetáculo ocupa toda a vida social e, segundo o autor, não somos mais capazes de distinguir as imagens do real.

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas de produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça da representação. (...) Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. (...) Eis porque o espectador não se sente em casa em parte alguma, porque o espetáculo está em toda a parte. (DEBORD, 1967 p. 13-26)

Conforme os argumentos do escritor, pensemos no comportamento de Jenna com a ideia de tudo mostrar, sempre publicar fatos ligados ao seu cotidiano. Nessa sociedade de espetáculos nos deparamos com o bombardeamento de imagens, mensagens e informações constantemente mostradas, re-apresentadas e divulgadas pelos media. Segundo o filósofo, o homem não é um sujeito autônomo, pelo contrário, está propenso a ser imagem, representação, fantasia e acaba por buscar ilusão. Se pensarmos bem as ‘imagens’ tomaram conta do corpo social. Debord também crítica a sociedade de consumo, tudo que o sistema capitalista infundiu nos parâmetros sociais. Ele acredita que ocupamos espaços de representações e, em grande parte, fazemos das nossas relações afetivas verdadeiros palcos de espetáculo em que a imagem e a alienação

tomam conta do ato. Por conseguinte, enquanto o sistema capitalista se manter vigente o homem, como agente social, não poderia se libertar de toda a alienação que cita Debord.

Graubart cita que a contemporaneidade nos remete a termos afetivos, rotulados para “o amor efêmero e os encontros descartáveis, nos quais ver, ser visto e aparecer reduzem os jovens casais a machos e fêmeas no cio”.

Já para o pensador francês tudo se remonta em espetáculo, nossas ações são tidas como representações. Encenações para tudo ver, tudo mostrar, como se fosse uma orgia da realidade. Ele argumenta que a vida moderna escolheu prioritariamente a imagem, em que fomos domesticados pelo capitalismo sendo ele que nos limita a vivermos em uma sociedade irreal que contempla a representação e que concerne a cada um de nós sermos espelhos de alguém, de alguma coisa.

Jenna talvez se pareça com jovens imersos em comunidades virtuais, em que cada aspecto de suas vidas são publicadas rotineiramente em redes de relacionamento. Muitas histórias contadas falando de amores, viagens, pensamentos, momentos e experiências compartilhadas com internautas que dividem interesses mútuos. Com o passar do tempo as pessoas acabaram por conhecer as experiências mais íntimas da estudante, não por fazerem parte do seu círculo de amizades, mas por acompanharem seus passos por meio do blog.

O conceito de espetáculo trazido por Debord explica grande parte dos fenômenos e comportamentos culturais, sociais e psicológicos ligados ao conceito de aparência. Já para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2001), em sua modernidade líquida, ele amplia tal ideia sugerindo a globalização auxilia para aumentar o conflito entre o homem, contribuindo no decurso de suas condições e perspectivas, sendo que o fluxo de mensagens, produtos e serviços disponíveis facilmente nessa pós-modernidade emparedam jovens em campos hostis, apertando-os e sugando sua singularidade. Ainda segundo ele, as relações são desnutridas de qualquer interação afetiva, tornando-se fugazes e imediatas, sendo totalmente espremidas pelos meios tecnológicos que a globalização trouxe, sobretudo aos jovens. Bauman vai mais além, insinuando que toda a pós-modernidade diante das transformações realizadas com o advento tecno-científico traz a tona uma realidade que se depara num “consumismo de gente”.

Para o polonês “as relações escorrem pelo vão dos dedos”, relações essas caracterizadas pela opacidade, satisfação instantânea, exibicionismo, fragilidade da união, constituição de uma estrutura insegura e com momentos curtos.

Pairando sobre a contemporaneidade nos argumentos sobre amor líquido (2004), ele reflete sobre relacionamentos atuais. “Relacionamentos são investimentos como quaisquer outros” (Bauman, 2004, p. 15) e como qualquer ação de mercado, hora você investe, hora você descarta e assim consolida-se um jogo de interesses. De acordo com suas concepções, vê-se que no sujeito pós-moderno sua estrutura está alicerçada na insegurança. Insegurança de ficar só, insegurança em não ser percebido.

O jeito de ser de Jenna e, talvez, de alguns jovens que parecem compartilhar das mesmas ações fazem parte de um conjunto de fluxos culturais, instâncias culturais, pluralidades e gosto que determinam suas ações para o âmbito social. Como aponta o professor Durval Muniz (2007), a cultura constantemente se transforma, ressignifica-se e se alastra por entre pluralidades. Não havendo assim resgate cultural, mas, transformações culturais. “O que chamamos de cultura (...), é na verdade um conjunto múltiplo e multidirecional de fluxos de sentido, de matérias e formas de expressão que circulam permanentemente, que nunca respeitaram fronteiras” (MUNIZ, 2007, p. 17). Ele não compactua do termo “resgate cultural” pois, segundo ele, a cultura não precisa ser resgatada, não precisa ser solidificada, pois ela se dá em constante processo de transformação, gerando ações, saberes, gestos por toda camada social.

Nossas ações são determinadas segundo nossas práticas culturais, a forma como agimos e pensamos. Assim como salienta Durval, apontando que vivemos numa sociedade amplamente pluralizada. Segundo ele, quando se fala de cultura geralmente este conceito já vem atrelado a termos já “carimbados” pela sociedade. De acordo com o professor “não se poderia pensar cultura sem imediatamente remetê-la para o campo da produção das identidades: seja das identidades nacionais, regionais, étnicas, de gênero, de classe etc” (MUNIZ, 2007, p. 14).

Compreender a importância dos fluxos culturais para o corpo social, nos ajuda a entender as ações e comportamentos que regem cada agente social, sobre tudo quando se fala do comportamento pela web. Cabe fazer reflexões sobre as atitudes de Jenna acerca do seu blog.

A secundarista havia ganhado popularidade que nem mesmo ela imaginava. Não era por sua quantidade de amigos, não seria talvez por sua personalidade mais reservada, nem mesmo sua aproximação com os mais populares da escola. O que a tornara conhecida foi a maneira como ela se utilizou de ferramentas da internet, como ela cativou leitores para sua comunidade da rede. Jenna pode atrair seu público pelo seu

jeito único de escrever e relatar suas experiências mais intensas já vividas, sem nenhuma timidez. A comunicação que ela gerava era satisfatória para seu público leitor. Pode-se imaginar que nessa era digital a estudante soube comunicar-se para um público que se identificava com sua personalidade.

A partir das reflexões já formuladas diante do episódio estudado, cabe pensar em como se dá as redes sociais juntamente com a noção de público e privado. Pensemos o quanto estão abrangentes e viralizantes o efeito dessas redes. Segundo Cristiane Koehler e Maria Jane (2013) essas redes tomaram espaço considerável, sobretudo para os mais jovens, não percebendo a exposição da vida privada da geração digital, por meio de fotos, comentários, textos, vídeos, dentre outros. Como citam as professoras “essas ferramentas de comunicação aproximam as pessoas, inicialmente, motivadas pela diversão e pela possibilidade de compartilhamento de fotos e mensagens” (Koehler, Jane, 2013, p. 82).

Para Koehler e Jane outro ponto importante é observar a nítida exposição dos jovens nas redes sociais. Feita, segundo elas, sem nenhum tipo de critério ou seleção do que pode ou não ser compartilhado. Elas ressaltam que esse perfil dos jovens não se preocupam com o conteúdo das mensagens difundidas amplamente nas redes, e, conseqüentemente adicionam diversas pessoas aptas para comentar, compartilhar e visualizar tudo o que se refere ao seu perfil. São os chamados “amigos”. Ainda, segundo as autoras perdeu-se a noção de privado diante dos efeitos das redes sociais, o que poderia estar mais restrito, agora é consideravelmente divulgado no campo das redes sociais.

Retornando para os argumentos de Bauman em sua modernidade líquida, pensemos neste mundo pós-moderno, em que segundo ele estamos passando da modernidade sólida para a líquida. Seguindo suas reflexões, ele explica que a modernidade líquida derreteu tudo o que era ou tendia a ser sólido, trazendo transformações no nosso estar para o campo social. Transformações essas que fizeram tudo parecer mais rápido, sobretudo no que se refere as relações e, de acordo com ele, o campo digital trazido pela globalização contribui bastante para ‘superficialidade das experiências/relacionamentos’.

Considerando as acepções do sociólogo na área da educação, percebe que estas transformações trás consigo o lado prejudicial que seria a exposição da vida privada da atual geração nas redes sociais, criam vínculos e o desfazem facilmente, fugazmente.

Consta uma preocupação diante de tantas informações disponibilizadas livremente na esfera pública. Zygmunt (2011) também reflete sobre a condição que nos encontramos sobre o mundo pós-moderno ao qual estamos inseridos:

O que aconteceu no século XX foi uma passagem de toda uma era da história mundial, ou seja, da sociedade de produção para a sociedade de consumo. Por outro lado, houve os processos de fragmentação da vida humana. (...) No início deste século, as pessoas se preocupavam com o projeto de vida, e em executá-lo, passo a passo. Nos dias atuais, isto não acontece, porque a vida é dividida em episódios, fragmentados, o que não era assim no início do século XX. As sociedades foram individualizadas. Em vez de se pensar em termos de a qual comunidade se pertence, a qual nação se pertence, a qual movimento político se pertence etc; tentamos redefinir o significado de vida, o propósito de vida, a felicidade na vida (...) As questões da identidade que tem um papel importante hoje, no mundo. A pessoa tem que criar a sua própria identidade. (...) Uma coisa é que multiplicamos, nós, a humanidade no planeta, as conexões, as relações, as interdependências, as comunicações, espalhadas em todo o mundo. Estamos agora numa posição em que todos nós dependemos uns dos outros. (...) É fácil conectar, fazer amigos. Mas o maior atrativo é a facilidade de se desconectar. Imagine que o que você tem não são amigos online, conexões online, compartilhamento online, mas conexões off-line (...) E isso mina os laços humanos (BAUMAN, 2011).

O polônês continua por dizer que hoje, as pessoas buscam uma identidade. Preferem constituir uma própria, construí-la, arquitetá-la. Não a herdaram. De acordo com ele surgiu uma interdependência muito forte, em que um depende do outro, mas quando se fala em internet, as redes enfraqueceram as relações. É possível ser amigo e deixar de ser muito facilmente. É o cenário que nos deparamos.

Quando se fala em público e privado

Podemos aprender muito com o personagem “Jenna Hamilton”, sua personalidade, seu jeito de ser, a maneira como se comporta. Pensar em talvez como ela se sente bem em digitar todas as noites, em comunicar sempre algo novo, algo diferente. E o mais importante é que vai haver pessoas do outro lado – conectadas – esperando, observando o que ela tem para dizer. Para publicar. A discussão em torno dos termos do que é público e privado é importante para trilharmos novos caminhos em torno dessa temática, na qual estamos inseridos. Parar e refletir temas como esses, servem-nos de subsídios para compreendermos um pouco sobre as mudanças sociais que constatamos nas últimas décadas. Sobretudo quando se fala em “cibercultura”.

De acordo com Koehler e Jane “é importante ressaltar que as reflexões sobre o que realmente deve se manter no âmbito privado e o que pode ser compartilhado na esfera pública precisam estar presentes tanto no contexto familiar quanto nas salas de aula” (2013, p. 82). Falar sobre o público e o privado é romper barreiras. É pensar em que contexto estamos vivendo e como isto interfere nosso estar no mundo. É imaginar os ramos que a cibercultura vem preenchendo. André Lemos (2016) diz que vivemos hoje cercados por coisas da internet, as usamos e procuramos por elas, mas as compreendemos muito mal. Segundo ele as coisas estão tão presentes na “internet” quanto em nossas mãos. Transfiguradas em informação em forma de dados, simbologias, serviços e interfaces midiáticas. Agora as coisas da internet integram nosso cotidiano, as cultivamos, distribuimos e consumimos.

Ainda de acordo com ele são essas “coisas” que alteram hábitos, gestos, regras de convívio, comportamentos, maneiras de pensar, falar e agir. Uma grande ideia a se imaginar é que essa rede global híbrida (sociotécnica), trás consequências sociais, educacionais, econômicas, interpessoais e culturais. É importante pensar, segundo André, no reconhecimento da agencia das coisas em nossas vidas admitindo a não passividade delas; constituem-si unidade e rede, na perspectiva de dispositivo; uma construção híbrida.

Pensar em comunidades virtuais, em redes sociais, é pensar também em como nossa sociedade vem se comportando diante dos novos meios de informação. Pensar numa interatividade sem precedentes na história da comunicação. Jenna mostra que é quase impossível viver nesse mundo digital e não usar as ferramentas que ele trás. Más que cada um vai se adequando, se comportando de diferentes formas e maneiras.

Considerações Finais

A cultura digital implantou uma verdadeira desmaterialização em que tudo está cada vez mais acessível, mais fácil... Tudo parece que está há um clique. Todo esse leque digital muda nossa maneira de comunicar, altera as formas de comunicação da cultura de massa. Passo a acreditar que nos caracterizamos como seres cada vez mais dependentes da internet e de suas ferramentas. A contemporaneidade surgiu com o limiar de uma nova era digital, acompanhada pelos efeitos da digitalização dos meios. Por conseguinte, temos pessoas que migram de “suas vidas reais” para a “vida na internet, o on-line”. Deparamo-nos com a jovem Jenna Hammilton imersa em suas

emoções, jogos de interesse e em seu triângulo amoroso. Por todas as noites estava ela entre seus tantos pensamentos e a vontade de publicar.

Acredito eu que a garota se assemelha a personalidade de jovens, cada vez mais envolvidos na cibercultura. Compreende-se uma interatividade instantânea, entre aquele que publica com aqueles que o acompanham. Ainda percebe que dentro dessas redes de relacionamento estão inseridas pessoas com propósitos, objetivos, projetos e intuítos que se assemelham consideravelmente. Talvez usuários da internet em busca de um “troféu” simbólico, de acordo com seu comportamento dentro da web.

É interessante pensar que Jenna está inserida neste contexto, as pessoas passaram a conhecê-la não por serem amigas dela ou tão próximas a ela, mas sim passaram a conhecer suas histórias, suas aventuras, seus romances, seus interesses. Verdadeiramente a estudante secundarista fez do seu blog um diário digital que conta momentos da sua vida. E um blog de sucesso.

A partir do contexto analisado da série “Awkward” vemos que os jovens não se preocupam com o que é publicado em suas redes sociais e, tão pouco, com os feitos e rumos dessas publicações. Observa-se também um grau de aproximação entre nosso contexto atual com os argumentos trazidos pelo francês Guy Debord (1967) ante sua Sociedade do Espetáculo, surge o ‘espetáculo sobre a vida’. A vontade de tudo mostrar, cada detalhe divulgar e nada esconder. O que antes podia ser privado passa a ser público.

Por conseguinte, é fundamental a análise deste episódio para que possamos apreender as interfaces que nosso contexto atual nos revela. Observar o comportamento de Jenna nos possibilita enxergarmos em que nossa geração está exposta e grandemente envolvida. De fato, mudou-se a maneira como consumimos informação e a disseminamos por diversas mídias. Já não existe somente cultura, mas fluxos culturais, gostos culturais, transformações culturais. Não se imaginava que com a chegada do século XXI, a sociedade estivesse afogada em meio a tantas revoluções. O caso Jenna é apenas um pequeno exemplo de tantos ainda para seres discutidos.

REFERÊNCIAS

AMANTE, Lúcia; MARQUES, Helena; CRISTOVÃO, Maria do Rosário; OLIVEIRA, Paula; MENDES, Sandra. Jovens e processos de construção de identidade na rede: O caso do Facebook. In: **Educação, Formação & Tecnologias**, 2014. pp 26-38.

Awkward. Produção de Lauren Jungerich; Robert West; Andrew Veeder; Meredith Philpott; Dave Neglia. Estados Unidos da América: MTV, 2011. Disponível em: <<http://seriesparaassistironline.org/category/awkward>> Acesso em: 13 Jan. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Entrevista com o filósofo polonês Zygmunt Bauman para o Fronteiras do Pensamento. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=POZeBNo-D4A>> Acesso em: 14 abr. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Versão disponível para pt.scribd.com. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/325055014/A-Galaxia-da-Internet-Manuel-Castells-compressed-pdf>> Acesso em: 18 Nov. 2016.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Versão para eBookeBooksBrasil.com. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>> Acesso em: 18 Nov. 2016.

DE MORAIS, Dênis. **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRAUBART, Silvia. **Amor efêmero, encontros descartáveis**. Instituto Junguiano de São Paulo. Disponível em: <<http://ijusp.org.br/artigos/amor-efemero-encontros-descartaveis/>> Acesso em: 01 Abr. 2017.

KOEHLER, Cristiane; CARVALHO, Maria Jane Soares. O público e o privado nas redes sociais: algumas reflexões segundo Zygmunt Bauman. In v. 20, n.2, Passo Fundo, p. 275-285, julho/dezembro. 2013. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/viewFile/3555/2356>> Acesso em: 08 Abr. 2017.

LEMOS, André. **Coisas**. In Correio do Povo, Caderno de Sábado, Porto Alegre, 26 de março de 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Ed. Brasileira. São Paulo: Editora 34, 1999.

NUSSBAUMER, Gisele Marchiori; MUNIZ, Durval. **Teorias e políticas da cultura: visões multidisciplinares**. Versão disponível para repositorio.ufba.br. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/139/4/Teorias%20e%20politicadas%20cultura.pdf>> Acesso em: 01 Abr. 2017.

Revista Pazes. Vivemos um tempo de secreta angústia: o amor é mais falado que vivido, 2016. Disponível em: <<http://www.revistapazes.com/amor/>> Acesso em: 02 Dez. 2016.